

ANNE
• DE •
AVONLEA

• CLÁSSICOS AUTÊNTICA •

Copyright © 2020 Autêntica Editora

Título original: *Anne of Avonlea*

Fonte: MONTGOMERY, L. M. *Anne of Avonlea*. Londres: Arcturus Publishing Limited, 2017.

Fonte digital: www.gutenberg.org

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora LTDA. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDIÇÃO GERAL E PREPARAÇÃO DE TEXTO

Sonia Junqueira

REVISÃO

Bruna Emanuele Fernandes

Júlia Sousa

CAPA

Diogo Droschi (sobre esculturas de papel de Marcelo Bicalho)

DIAGRAMAÇÃO

Larissa Carvalho Mazzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Montgomery, Lucy Maud, 1874-1942.

Anne de Avonlea / Lucy Maud Montgomery ; tradução Márcia Soares Guimarães. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2020. -- (Clássicos Autêntica)

Título original: *Anne of Avonlea*.

ISBN 978-85-513-0816-5

1. Literatura infantojuvenil I. Junqueira, Sonia. II. Título. III. Série.

20-33320 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1.Literatura infantojuvenil 028.5

2.Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

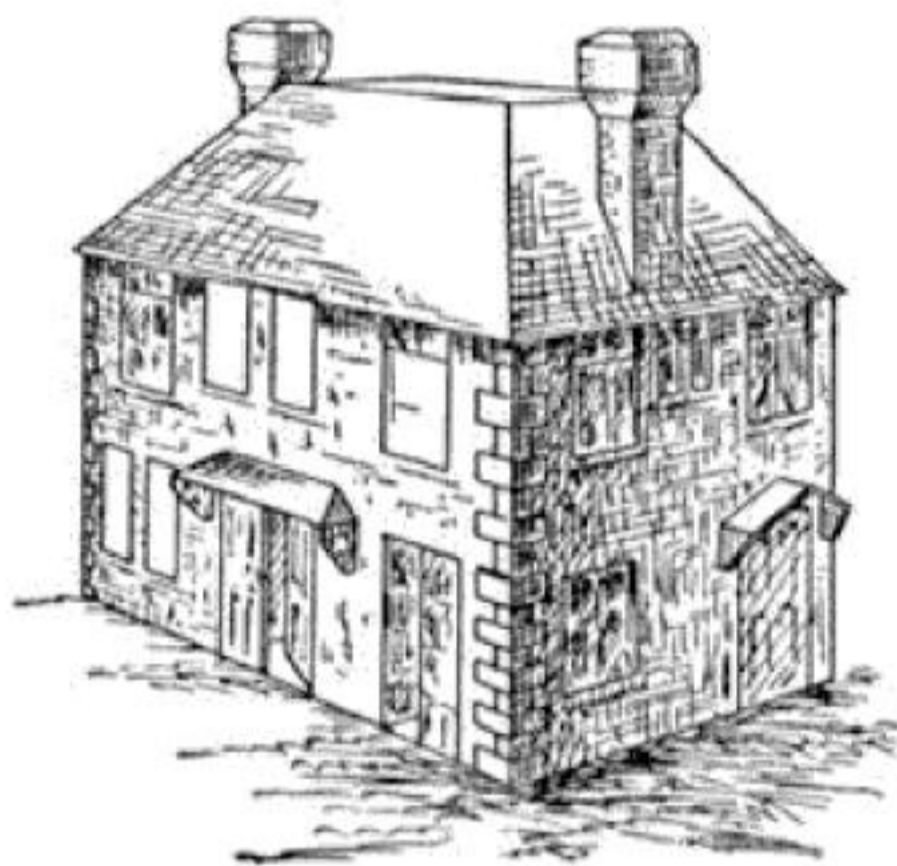
www.grupoautentica.com.br

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 Cerqueira César . 01311-940

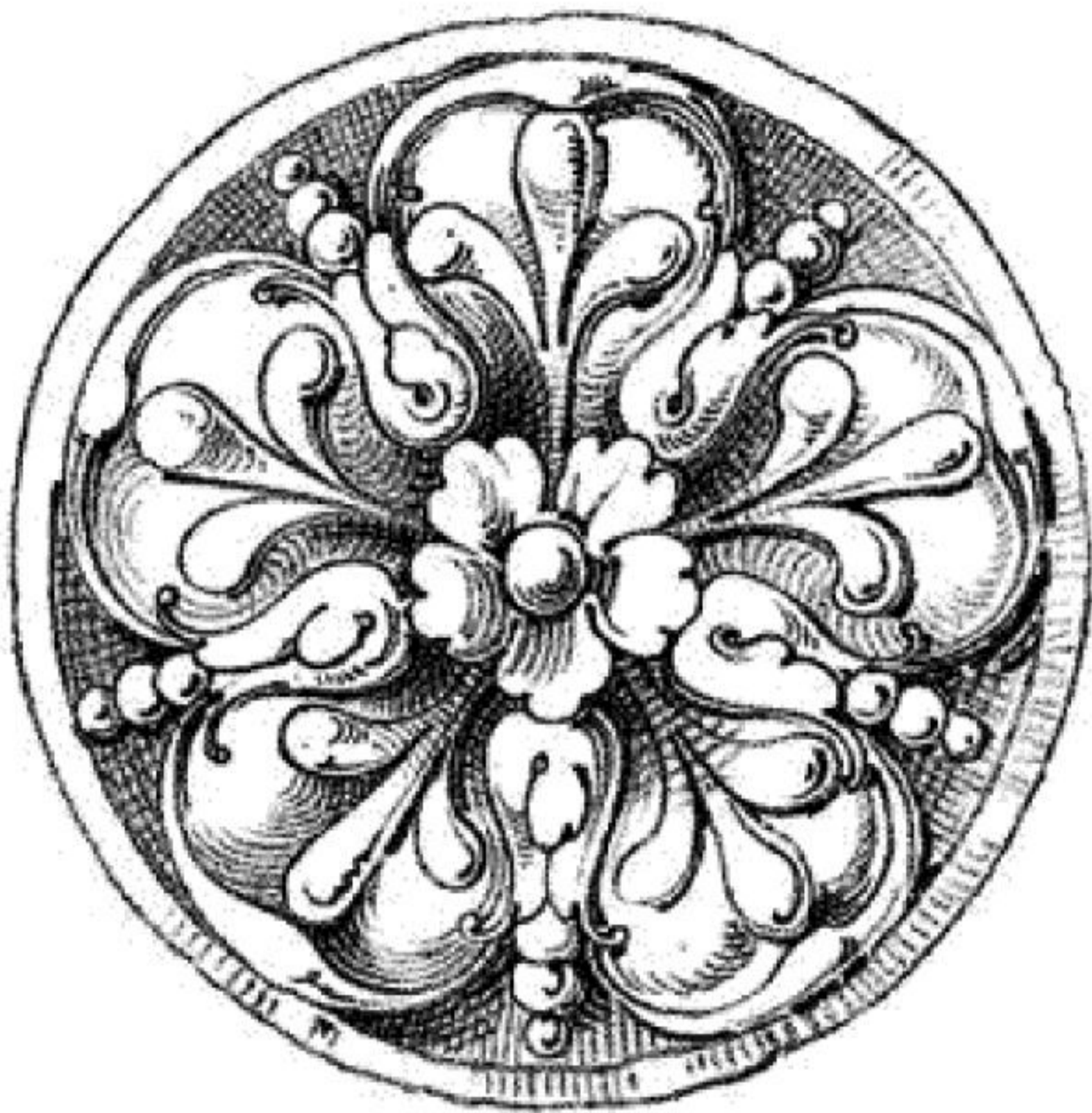
São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468





Para minha ex-professora,
Hattie Gordon Smith,
como uma grata lembrança por sua
compreensão e seu encorajamento.



Flores desabrocham por onde ela caminha,
percorrendo as trilhas do dever, com tal nobreza,
que a vida ao lado dela não é difícil linha,
mas um alegre trajeto, com curvas plenas de beleza.*

* Tradução livre de versos de John Greenleaf Whittier (1807-1892), poeta e advogado norte-americano. (N.T.)







CAPÍTULO I

*Um vizinho
irado*

Uma garota esbelta, com 16 anos e meio de idade, olhos cinzentos e sérios e um cabelo que seus amigos chamavam de castanho-avermelhado, estava sentada em um dos degraus de pedra vermelha da porta de uma casa de fazenda em Prince Edward Island, no Canadá, em um fim de tarde de agosto, firmemente decidida a interpretar versos do poeta romano Virgílio.

Porém, uma tarde de agosto em que uma névoa azul encobria as colinas, um vento brando sussurrava como se houvesse duendes entre os álamos, e papoulas vermelhas dançavam esplendorosamente, cintilando em contraste com o bosque escuro de abetos jovens em um canto de um pomar de cerejeiras, era mais apropriada para sonhos do que para línguas mortas. O livro de Virgílio logo escorregou para o chão, e Anne – com o queixo apoiado nas mãos entrelaçadas e os olhos fixos na esplêndida massa de nuvens fofas que se amontoavam sobre a casa do senhor J. A. Harrison, como se formassem uma grande montanha branca

– estava bem distante, em um mundo encantador, no qual certa professora fazia um trabalho maravilhoso, moldando os destinos de futuros líderes políticos e inspirando mentes e corações jovens com ambições elevadas e nobres.

Entretanto, é inegável que, levando-se em conta a dura realidade – o que, é preciso lembrar, Anne raramente fazia antes que isso fosse realmente inevitável –, não parecia muito provável que houvesse, na escola de Avonlea, alunos com grandes possibilidades de se tornarem celebridades. Por outro lado, nunca se sabe o que pode acontecer quando uma professora usa sua influência para o bem. Anne tinha ideais extremamente otimistas sobre o que uma professora poderia realizar se simplesmente “seguisse o caminho certo”; e, naquele momento, estava visualizando uma cena magnífica, quarenta anos mais tarde, na qual uma pessoa importante, famosa (o motivo exato pelo qual esse indivíduo seria famoso ficou convenientemente indeterminado, mas Anne achou que seria muito bom se ele tivesse se tornado reitor de uma universidade, ou primeiro-ministro do Canadá), se curvaria respeitosamente sobre sua mão enrugada, afirmando que ela tinha sido a primeira pessoa a despertar sua ambição, e que todo o seu sucesso na vida se devia às lições que ela lhe havia dado, tanto tempo atrás, na escola de Avonlea.

A deliciosa cena, porém, foi arruinada por uma interrupção verdadeiramente desagradável.

Uma modesta vaquinha Jersey surgiu descendo a alameda em alta velocidade e, cinco segundos depois, o senhor Harrison chegou – se “chegou” não for um termo suave demais para descrever a maneira pela qual se deu sua súbita aparição ali.

O homem pulou a cerca, sem perder tempo abrindo o portão, e encarou furiosamente a surpreendida Anne, que tinha ficado de pé e o observava, perplexa. O senhor Harrison era o novo vizinho do lado direito da fazenda, e eles não se conheciam, embora ela já o tivesse visto uma ou duas vezes.

No início de abril, antes de Anne voltar para casa, após o término de seus estudos na Queen’s Academy, o senhor Robert Bell tinha vendido sua propriedade, que fazia fronteira a oeste com a fazenda dos irmãos

Cuthbert, e se mudado para Charlottetown. A fazenda havia sido comprada por um certo senhor J. A. Harrison, cujo nome e o fato de que era um homem da província de New Brunswick, na costa leste do Canadá, eram tudo o que se sabia sobre ele. No entanto, antes mesmo que ele tivesse permanecido um mês em Avonlea, já havia ganhado a reputação de ser um homem esquisito; um “excêntrico”, de acordo com a senhora Rachel Lynde. A senhora Rachel era uma mulher muito franca, como o leitor deve se lembrar bem. Sem dúvida, o senhor Harrison era mesmo diferente das outras pessoas e, como todos sabem, essa é a característica essencial de um excêntrico.

Desde o princípio, ele manteve distância dos moradores de Avonlea, e, certo dia, afirmou publicamente que não queria as “tolices das mulheres” em sua propriedade. A população feminina de Avonlea imediatamente se vingou, propagando informações terríveis a respeito do modo como ele cozinhava e cuidava de seu lar.

O senhor Harrison havia contratado o jovem John Henry Carter, de White Sands, para ajudá-lo a cuidar da propriedade, e foi o garoto quem deu início às histórias. Em primeiro lugar, contou que, na casa de seu patrão, não havia hora definida para as refeições. Ele simplesmente “fazia um lanche” quando sentia fome, e, se John Henry estivesse por perto naquele momento, podia entrar e comer um pouco; caso contrário, tinha de esperar até o homem ter seu próximo ataque de fome. O jovem declarava pesarosamente que teria morrido de fome se não fosse pelo fato de que chegava em casa aos domingos e se empanturrava, e porque sua mãe sempre lhe dava uma cesta de comida para levar para o trabalho nas manhãs de segunda-feira.

Quanto a lavar as louças, o senhor Harrison nunca se dava ao trabalho de fazer isso, exceto nos domingos chuvosos. Nesses dias, ele lavava todas de uma só vez, em um barril cheio de água da chuva, e as deixava escorrendo até secar.

Além disso, dizia-se que o senhor Harrison era “avarento”. Quando lhe perguntaram se gostaria de contribuir com algum dinheiro para o salário do pastor Allan, ele respondeu que, antes de concordar, tinha de ver quantos dólares valia o sermão do pastor, pois não queria comprar

gato por lebre. E quando a senhora Lynde foi até sua fazenda para pedir uma doação para o Instituto para Missões Estrangeiras – e, aproveitando a oportunidade, ver o interior da casa –, ele lhe disse que havia muito mais pagãs entre as velhas fofoqueiras de Avonlea do que em qualquer outro lugar que conhecia, e que contribuiria alegremente para uma missão que as convertesse ao cristianismo, se ela se incumbisse disso. A senhora Rachel se retirou imediatamente, e declarou depois que era uma bênção a pobre senhora Robert Bell estar a salvo em seu túmulo, pois seu coração ficaria partido se ela visse o estado em que estava a casa que fora sua, da qual tinha tanto orgulho.

– Ora, a senhora Bell esfregava o chão da cozinha dia sim, dia não – a senhora Lynde comentou, indignada, com Marilla Cuthbert. – Se você pudesse ver aquele mesmo chão agora... Tive de levantar minhas saias quando atravessei a cozinha...

Para completar essa descrição, faltou dizer que o senhor Harrison possuía um papagaio chamado Ginger, e que, antes dele, nunca um habitante de Avonlea havia tido um papagaio. Portanto, manter em casa um pássaro dessa espécie não era uma atitude considerada respeitável. E que papagaio! Se as palavras de John Henry fossem levadas em conta, era possível afirmar que nunca existiu no mundo uma ave tão profana. Ginger praguejava horivelmente, e a senhora Carter teria tirado John Henry daquele emprego, sem pensar duas vezes, se tivesse certeza de que poderia encontrar outro trabalho para seu filho. Além disso, Ginger havia bicado o jovem com tanta força, quando ele se inclinou e ficou perto demais da gaiola, que arrancou um pedaço de seu pescoço. A senhora Carter mostrava essa marca a todas as pessoas, quando o pobre John Henry voltava para casa aos domingos.

Tudo isso passou como um *flash* na cabeça de Anne, enquanto o senhor Harrison permanecia parado diante dela, completa e evidentemente emudecido pela fúria. Mesmo quando estava em seu melhor humor, o senhor Harrison não podia ser considerado um homem bonito; era baixo, gordo e careca, e, naquele momento, com o rosto redondo roxo de raiva e os proeminentes olhos azuis quase saltando das

órbitas, Anne achou que ele era realmente a pessoa mais feia que já tinha visto.

Então, subitamente, o senhor Harrison recuperou a voz.

– Não vou tolerar isso!– esbravejou. – Nem mais um dia, está ouvindo, senhorita? Bendita seja a minha alma! É a terceira vez, senhorita... terceira! Paciência tem limite, senhorita! Na última vez, avisei sua tia para não deixar isso acontecer novamente... e ela deixou... ela deixou! Por que ela fez isso é o que eu quero saber. É por essa razão que estou aqui, senhorita.

– O senhor poderia me explicar qual é o problema? – perguntou Anne, muito gentilmente. Vinha praticando bastante essa conduta ultimamente, para estar bem preparada quando as aulas começassem, mas parece que toda a sua amabilidade não surtiu nenhum efeito no irado J. A. Harrison.

– Problema? Bendita seja a minha alma! Eu diria que é um grande aborrecimento. O problema, senhorita, é que encontrei essa vaca Jersey de sua tia na minha plantação de aveia de novo, há menos de meia hora. É a terceira vez que isso acontece, entendeu bem? Terceira! A primeira vez foi na terça-feira passada, e ontem mesmo ela já estava lá outra vez. Eu vim aqui e falei com sua tia para não deixar isso acontecer novamente. E ela deixou! Onde está sua tia, senhorita? Eu só quero vê-la por um minuto e lhe dizer o que penso... o que pensa J. A. Harrison, senhorita!

– Se o senhor está se referindo à senhorita Marilla Cuthbert, ela não é minha tia, e foi a East Grafton visitar uma parenta distante que está muito doente – disse Anne, com o devido aumento de amabilidade a cada palavra. – E lamento muito que minha vaca tenha invadido sua plantação... ela é minha, e não da senhorita Cuthbert... Matthew a comprou do senhor Bell e me deu, três anos atrás, quando ela ainda era uma bezerrinha.

– Lamenta, senhorita?! Lamentar não ajuda em absolutamente nada. É melhor ir até lá e ver o estrago que aquele animal fez... pisoteou tudo, destruiu cada pedacinho da minha plantação de aveia, senhorita.

– Lamento muito mesmo – repetiu Anne, com firmeza –, mas, talvez, se o senhor mantivesse suas cercas em melhor estado de conservação, Dolly provavelmente não as teria ultrapassado. É a sua parte da cerca que separa seu campo de aveia do nosso pasto, e notei, outro dia, que ela não está em muito boas condições...

– Minha cerca está boa – o senhor Harrison a interrompeu, mais irritado do que nunca, diante da acusação de culpa pelo que havia acontecido. – A cerca de uma prisão não poderia manter esse demônio dessa vaca do lado de fora. E preste bastante atenção nisto, sua coisinha ruiva: se a vaca for realmente sua, como está dizendo, seria melhor empregar seu tempo mantendo-a longe dos grãos de outras pessoas do que ficar sentada aí, lendo romances de capa amarela! – acrescentou, com um olhar penetrante para o inocente livro marrom-claro de Virgílio, caído aos pés de Anne.

No mesmo instante, uma outra coisa ficou vermelha, além do cabelo de Anne, que sempre tinha sido seu ponto fraco.

– Prefiro ter cabelo ruivo do que não ter nenhum, exceto uns poucos fios ao redor das orelhas – ela retrucou imediatamente.

O tiro foi certo, pois o senhor Harrison era verdadeiramente sensível em relação a sua calvície. Sua fúria o deixou sem palavras novamente, e ele pôde apenas olhar fixamente para Anne, que recuperou a calma e aproveitou que estava em situação de vantagem sobre o vizinho.

– Eu posso perdoá-lo, senhor Harrison, porque tenho imaginação. Consigo facilmente imaginar o quanto deve ser terrível encontrar uma vaca em sua plantação de aveia, e, portanto, não vou nutrir nenhum ressentimento pelo senhor, por causa do que acabou de me dizer. Prometo que Dolly nunca mais vai invadir sua plantação. Dou minha palavra de honra quanto a isso.

– Bem, não deixe isso acontecer – o senhor Harrison resmungou, em um tom ligeiramente submisso; porém, saiu pisando duro, muito zangado, e Anne escutou o vizinho rosar para si mesmo, até ele ficar fora do alcance de seus ouvidos.

Em seguida, tristemente perturbada, Anne atravessou o pátio e prendeu a levada vaca Jersey no curral de ordenha. “É impossível Dolly sair dali, a não ser que ela destrua a cerca”, pensou. “Ela parece bastante calma agora. Eu ousaria dizer que está passando mal de tanto comer aveia. Hoje me arrependo de não tê-la vendido ao senhor Shearer quando ele quis comprá-la, na semana passada. Naquele dia, achei melhor esperar até fazermos o leilão do gado, pois assim venderíamos todos os animais juntos. Acredito que seja verdade que o senhor Harrison é um excêntrico. Com certeza, não existe *nada* de irmã na alma dele.”

Anne ficava sempre atenta para reconhecer almas irmãs.

Marilla Cuthbert estava entrando no pátio quando Anne voltou do curral, e a jovem correu para preparar o chá. Depois, já sentadas à mesa, as duas conversaram sobre o episódio com o vizinho.

– Vai ser um alívio quando o leilão terminar – Marilla falou. – É muita responsabilidade ter tantos animais na fazenda e ninguém, exceto aquele Martin, que não é nada confiável, para tomar conta deles. Ele ainda não voltou, embora tenha prometido que, se eu lhe desse o dia de folga para ir ao funeral da tia, estaria de volta ontem mesmo, à noite. Realmente, não sei quantas tias ele teve ou ainda tem, mas essa já é a quarta que morre desde que o contratamos, há apenas um ano. Vou ficar mais do que agradecida quando a colheita acabar e o senhor Barry assumir a fazenda. Temos de manter Dolly presa no curral até Martin voltar, porque, antes de soltá-la no pasto dos fundos, as cercas precisam ser consertadas. Reconheço que temos mesmo de enfrentar muitos problemas neste mundo, como Rachel costuma dizer. Veja o caso da pobre Mary Keith, que está morrendo, e ninguém sabe o que vai ser feito de seus dois filhos pequenos. Ela tem um irmão, que mora em British Columbia, e escreveu para ele sobre as crianças, mas ainda não obteve resposta.

– Como são essas crianças, Marilla? Qual é a idade delas?

– Um pouco mais de 6 anos... são gêmeos.

– Oh, sempre fui especialmente interessada em gêmeos, desde que a senhora Hammond teve tantos – Anne afirmou, entusiasmada. – Eles são bonitos?

– Não sei, é impossível dizer... eles estavam tão sujos! Davy estava no quintal fazendo tortas de lama, e Dora foi chamá-lo para entrar. Então, Davy a empurrou, e ela caiu de cabeça sobre a maior das tortas. Ela começou a chorar e, querendo mostrar que não havia razão para isso, o menino chafurdou a própria cabeça na lama. Mary me disse que Dora é uma menina muito boa, mas Davy é terrivelmente travesso. Na verdade, ele nunca recebeu uma boa educação: o pai morreu quando os filhos ainda eram bebês, e pode-se dizer que a mãe está enferma praticamente desde então.

– Sempre sinto pena de crianças que não recebem educação – disse Anne, pensativa. – A senhora sabe que *eu* não tive nenhuma, até vir para Green Gables. Espero que o tio cuide deles. Qual é exatamente o parentesco que a senhora tem com a senhora Keith?

– Com Mary? Absolutamente nenhum. Tinha com o marido dela... ele era nosso primo de terceiro grau. Veja, ali está a senhora Lynde atravessando o pátio. Imaginei que ela viria para saber sobre Mary.

– Por favor, não diga nada sobre o senhor Harrison e a vaca – Anne implorou.

Marilla prometeu não falar nada a esse respeito, mas a promessa foi totalmente desnecessária, pois, assim que se sentou, Rachel Lynde disse:

– Quando estava voltando de Carmody, vi o senhor Harrison enxotar sua vaca Jersey da plantação de aveia dele. Percebi que o homem estava verdadeiramente irado. Ele criou muito tumulto?

Furtivamente, Anne e Marilla trocaram sorrisos divertidos. Pouquíssimas coisas em Avonlea escapavam ao conhecimento da senhora Lynde. Na manhã daquele mesmo dia, Anne tinha dito: “Se você for para seu quarto à meia-noite, trancar a porta, fechar a cortina e espirrar, no dia seguinte, a senhora Lynde vai vir perguntar como está sua gripe”.

– Creio que sim – Marilla admitiu. – Eu não estava aqui, mas ele disse a Anne tudo o que pensava.

– Acho o senhor Harrison um homem muito desagradável – Anne falou, sacudindo a cabeça ruiva em um movimento ressentido.

– Você nunca disse nada mais verdadeiro – a senhora Rachel declarou solenemente. – Eu sabia que teríamos problemas desde que Robert Bell

vendeu sua propriedade para um homem de New Brunswick... essa é a verdade. Não sei dizer o que vai ser de Avonlea, com tantas pessoas estranhas se mudando frequentemente para cá. Daqui a pouco tempo, não vamos estar seguros nem dormindo em nossas próprias camas.

– Ora, que outros estranhos estão vindo morar aqui? – Marilla quis saber.

– Vocês não ouviram nada sobre isso? Bem, primeiro, tem a família Donnell. Eles alugaram a antiga casa de Peter Sloane, porque Peter contratou o homem para cuidar do moinho. Vieram do sudeste, e ninguém sabe nada sobre eles. Depois, tem aquela família preguiçosa de Timothy Cotton: estão se mudando de White Sands para cá, e tenho certeza de que vão ser um fardo para todos nós. Ele está tuberculoso... quando não está roubando... E a esposa é uma criatura imprestável que não faz nenhum esforço para nada. Imaginem que ela lava a louça *sentada!* Além disso, a senhora George Pye adotou o sobrinho órfão do marido; o nome dele é Anthony Pye, e vai ser seu aluno lá na escola, Anne. Portanto, pode esperar problemas. Essa é a verdade. E você vai dar aulas também para outra criança desconhecida: Paul Irving está vindo dos Estados Unidos, para morar com a avó. Você deve se lembrar do pai dele, Marilla... Stephen Irving, aquele que abandonou Lavendar Lewis, em Grafton.

– Não acho que ele a abandonou. Houve um desentendimento... Suponho que ambos os lados tiveram culpa – Marilla ponderou.

– Bem, de qualquer maneira, ele não se casou com ela, e dizem que, desde então, a mulher se tornou uma pessoa muito esquisita... Mora sozinha naquela casa pequena, de pedra, que ela chama de Echo Lodge. Stephen foi embora para os Estados Unidos, abriu um negócio com o tio e se casou com uma ianque.* Desde então, ele nunca mais voltou aqui, embora sua mãe tenha ido até lá, uma ou duas vezes, para vê-lo. A esposa dele morreu há dois anos, e agora Stephen está mandando o garoto para passar uma temporada com a avó. Paul tem 10 anos de idade, e não sei se vai ser um aluno dos mais desejáveis. Nunca podemos prever nada com relação a esses ianques.

A senhora Lynde desprezava – com um ar decidido de quem pensa: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?”** – todas as pessoas que tiveram o infortúnio de nascer ou crescer em qualquer outro lugar que não fosse Prince Edward Island. Afirmava que, com certeza, até *poderiam* ser boas pessoas, mas era mais seguro duvidar disso. Ela tinha um preconceito especial contra os “ianques”. Seu marido tinha perdido algum dinheiro por causa de uma trapaça de um norte-americano para quem ele havia trabalhado uma vez, em Boston, e, depois disso, nem anjos, nem autoridades, nem poder algum foi capaz de convencer Rachel Lynde de que os Estados Unidos da América, como um todo, não eram responsáveis por aquilo.

– A escola de Avonlea não vai ser prejudicada por um pouco de sangue novo – Marilla falou secamente –, e, se esse menino for parecido com o pai, tudo vai dar certo. Stephen Irving foi o melhor garoto que já cresceu nessa região, embora algumas pessoas dissessem que ele era excessivamente orgulhoso. Imagino que a senhora Irving esteja muito contente em ficar com essa criança por algum tempo. Depois da morte do marido, ela ficou muito solitária.

– Oh, Paul pode ser um menino muito bom, mas será diferente das outras crianças daqui – a senhora Rachel concluiu, encerrando o assunto.

– Anne, o que é isso que andam dizendo por aí sobre você criar uma Sociedade para Melhorias em Avonlea?

– Eu estava apenas conversando sobre isso com alguns garotos e garotas do Clube de Debates, na última reunião – Anne respondeu, enrubescendo. – Eles acharam que seria muito bom... e o senhor e a senhora Allan também gostaram da ideia. Atualmente, muitos povoados já têm uma.

– Ora, você vai se meter em uma encrenca sem fim, se se envolver nisso. É melhor deixar essa ideia de lado, Anne, essa é a verdade. As pessoas não gostam de ser melhoradas.

– Oh, não vamos tentar melhorar *pessoas*! Estamos falando de *Avonlea*. Existem muitas coisas que podem ser feitas para tornar este lugar mais bonito. Por exemplo, se pudéssemos convencer o senhor Levi

Boulter a derrubar aquela casa velha e horrorosa em sua fazenda lá de cima, isso não seria uma melhoria?

– Sem dúvida nenhuma – a senhora Rachel admitiu. – Aquela ruína velha tem sido uma ofensa aos nossos olhos, há anos. Mas se você e os outros “melhoradores” conseguirem persuadir Levi Boulter a fazer qualquer coisa pela comunidade, sem ser pago para isso, eu gostaria de estar lá para ver e ouvir tudo, essa é a verdade. Não quero desencorajá-la, Anne, pois pode ter alguma coisa interessante nessa sua ideia, embora eu suponha que você a tenha tirado de uma daquelas revistas idiotas dos ianques. Lembre-se de que você vai estar muito ocupada com a escola, e eu lhe aconselho, como amiga, a não se envolver nisso; essa é a verdade. No entanto, sei que, se já está decidida, vai seguir até o fim. Você sempre foi do tipo de gente que persiste e nunca deixa de terminar o que começou.

Alguma coisa no contorno firme dos lábios de Anne confirmou que a senhora Rachel não estava enganada a esse respeito. O coração de Anne estava determinado a criar a Sociedade para Melhorias em Avonlea. Gilbert Blythe, que lecionaria em White Sands, mas sempre estaria em casa entre sexta-feira à noite e segunda-feira de manhã, também estava entusiasmado com o projeto. E a maioria dos outros jovens queria se envolver em alguma coisa que significasse reuniões ocasionais e, conseqüentemente, “diversão”. Quanto às “melhorias”, ninguém tinha uma ideia muito clara sobre quais seriam, exceto Anne e Gilbert. Eles haviam conversado muito e planejado tudo, até existir uma Avonlea ideal – pelo menos, em suas mentes.

A senhora Rachel tinha ainda outra novidade.

– Uma tal de Priscilla Grant foi escolhida para lecionar na escola de Carmody. Você não tinha uma colega na Queen’s com esse nome, Anne?

– Sim, claro! Oh, Priscilla vai trabalhar em Carmody! Isso é perfeitamente adorável! – Anne exclamou, com os olhos se iluminando até parecerem duas estrelas, e fazendo com que a senhora Lynde se perguntasse, mais uma vez, se algum dia ela conseguiria decidir, para sua própria satisfação, se Anne Shirley era uma garota bonita, ou não.



CAPÍTULO II

Vendendo às pressas e se arrependendo em seguida



Na tarde do dia seguinte, Anne foi às compras em Carmody e levou Diana Barry com ela. Diana era, claro, uma participante dedicada da Sociedade para Melhorias, e, durante a ida a Carmody e a volta para Avonlea, as duas praticamente só conversaram sobre isso.

– A primeira coisa que teremos de fazer, quando começarmos os trabalhos, será cuidar da pintura dessa casa – Diana falou, enquanto passavam pelo clube de Avonlea, uma construção bastante malconservada, que ficava em um vale e era cercada de abetos por todos os lados. – Sua aparência está horrível, e devemos cuidar desse clube até mesmo antes de tentar convencer o senhor Levi Boulter a demolir sua velha casa. Sabe, Anne, papai disse que nós *nunca* vamos obter sucesso nisso. Levi Boulter é mesquinho demais para gastar todo o tempo que isso vai requerer.

– Talvez ele dê permissão para os rapazes derrubarem a casa, se eles prometerem transportar a madeira e cortá-la de modo que ele possa usá-la como lenha – Anne sugeriu, esperançosa. – No início, devemos dar o

melhor de nós e nos contentar em progredir aos poucos. Não podemos achar que vamos melhorar tudo de uma só vez. Sem dúvida alguma, é preciso sensibilizar as pessoas antes.

Diana não sabia exatamente o que significava “sensibilizar as pessoas”, mas essas palavras soaram bem, e ela sentiu muito orgulho de pertencer a uma sociedade que tinha esse objetivo.

– Ontem à noite, pensei em algo que poderíamos fazer, Anne. Sabe aquele pedaço de terra em forma de triângulo, onde as estradas para Carmody, Newbridge e White Sands se encontram? Está todo coberto com abetos ainda pequenos. Não seria adorável se arrancássemos todos e deixássemos apenas as duas ou três bétulas que também estão lá?

– Seria esplêndido! – Anne exclamou alegremente. – E poderíamos colocar um banco rústico debaixo das bétulas; e, quando a primavera chegar, fazer um canteiro no centro e plantar gerânios.

– Isso mesmo! Mas vamos ter de planejar uma maneira de fazer com que a velha senhora Hiram Sloane mantenha sua vaca longe da estrada: senão, ela vai comer todos os gerânios – Diana gracejou. – Estou começando a entender o que você quis dizer com “sensibilizar as pessoas”, Anne. Olhe, ali está a velha casa da família Boulter. Alguma vez você já viu um pardieiro como esse? E, além do mais, está empoleirada perto demais da estrada. Uma casa velha, sem janelas, sempre me faz pensar em algo morto, cujos olhos foram arrancados.

– Acho tão triste ver uma casa velha e abandonada... – Anne falou sonhadoramente. – Sempre imagino que ela está sofrendo por pensar nas alegrias do passado. Marilla me contou que, há muito tempo, uma família grande viveu naquela casa, e que aquele era um lugar realmente lindo, com um jardim encantador e roseiras à sua volta. Havia muitas crianças pequenas, risadas e canções. Agora está vazia, e nada, nem ninguém, anda por ali, exceto o vento. Como ela deve se sentir solitária e triste! Pode ser que tudo retorne nas noites enluaradas: os fantasmas das crianças de antigamente, as rosas, as canções... e, por algum tempo, a velha casa pode sonhar que é jovem e feliz novamente.

Diana balançou a cabeça.

– Eu nunca mais imaginei coisas desse tipo sobre lugares, Anne. Você não se lembra de como mamãe e Marilla ficaram bravas quando imaginamos fantasmas no Bosque Assombrado? Até hoje, não consigo atravessar aquela mata tranquilamente depois que o dia escurece. E, se começasse a imaginar essas coisas na casa em ruínas do senhor Boulter, eu teria medo de passar por ela também. Além disso, aquelas crianças não estão mortas; elas cresceram e estão muito bem... Sei, inclusive, que, atualmente, um dos meninos é açougueiro. Quanto às flores e canções, ora, elas não podem virar fantasmas.

Anne reprimiu um pequeno suspiro. Ela amava Diana profundamente, e as duas sempre foram grandes amigas. Mas Anne já havia aprendido, muito tempo atrás, que, quando viajasse para o reino da fantasia, teria de ir sozinha. O caminho para lá era uma trilha encantada, pela qual nem mesmo seus entes mais queridos poderiam segui-la.

Uma chuva forte, com raios e trovões, caiu enquanto elas ainda estavam em Carmody; não durou muito, no entanto, e a volta para casa – por caminhos onde as gotas de chuva brilhavam nos galhos das árvores, e por pequenos vales frondosos onde as samambaias encharcadas exalavam odores picantes – foi maravilhosa. Porém, assim que chegaram à alameda de Green Gables, Anne viu algo que estragou a beleza da paisagem.

Diante delas, à direita, se estendia o amplo campo de aveia madura do senhor Harrison: cinza-esverdeado, viçoso e molhado pela chuva. E lá, parada elegantemente, bem no meio da vegetação exuberante, olhando para elas com a maior tranquilidade, estava uma vaca Jersey!

Anne soltou as rédeas e ficou de pé, apertando os lábios de uma forma que não indicava nada de bom para o quadrúpede destruidor de plantações. Sem dizer uma palavra, ela desceu agilmente da charrete, apoiando-se na roda, e transpôs rapidamente a cerca, antes mesmo que Diana entendesse o que estava acontecendo.

– Anne, volte! – a amiga gritou, assim que recuperou a voz. – Você vai arruinar seu vestido, no meio desses grãos molhados... *arruinar* o vestido! Oh, ela não está me ouvindo... e, sozinha, nunca vai tirar aquela vaca dali. Tenho de ir ajudá-la, claro!

Anne estava atravessando o campo de aveia como uma louca. Diana saltou depressa da charrete, amarrou o cavalo firmemente a uma estaca, jogou a saia de seu belo vestido de seda por cima dos ombros, ultrapassou a cerca e começou a perseguir sua amiga enlouquecida. Podia correr mais rápido do que Anne – que estava atrapalhada pela saia encharcada e grudada no corpo – e logo a alcançou. Atrás delas ficou uma trilha que partiria o coração do senhor Harrison, quando ele visse.

– Anne, pelo que há de mais sagrado, pare! – pediu, ofegante, a pobre Diana. – Já estou sem fôlego, e você está completamente ensopada!

– Preciso... tirar... essa vaca... dali... antes que... o senhor Harrison... a veja – Anne falou, com dificuldade. – Não me... importa... estar... ensopada... se pudermos... pelo menos... fazer isso.

Por sua vez, a vaca Jersey pareceu não ver nenhuma boa razão para sair às pressas de seu suculento e delicioso pasto. Assim que as duas garotas sem fôlego chegaram perto dela, o animal se virou e correu diretamente para o canto oposto da plantação.

– Detenha a vaca! – Anne berrou. – Corra, Diana, corra!

Diana correu muito. Anne tentou acelerar os passos. E a malvada Jersey percorreu o campo como se estivesse possuída; particularmente, Diana achou que estava mesmo. Passaram-se dez longos minutos antes que elas conseguissem dominar a vaca e encaminhá-la, através da abertura na cerca, para a alameda de Green Gables.

Não há como negar que, naquele exato momento, Anne estava com qualquer estado de espírito, exceto um que fosse angelical. Nem há como afirmar que ela tenha se acalmado, um pouco que fosse, ao ver uma charrete parada na frente da alameda e, nela, o senhor Shearer e seu filho, ambos com um sorriso largo estampado no rosto.

– Imagino que teria sido melhor se você tivesse me vendido a vaca quando eu quis comprá-la, na semana passada – o senhor Shearer falou, com uma risadinha de satisfação.

– Vendo o animal para o senhor agora, se ainda quiser comprá-lo – disse a corada e despenteada dona da vaca Jersey. – Pode ficar com ela neste exato minuto.

– Negócio fechado. Vou pagar a mesma quantia que ofereci antes, e Jim, aqui a meu lado, vai levá-la para Carmody. Ela vai para a cidade, com o resto da remessa, hoje à noite. O senhor Reed, de Brighton, quer uma vaca Jersey.

Cinco minutos depois, Jim Shearer e a vaca Jersey seguiam pela estrada, e a impulsiva Anne percorria, com seu dinheiro na mão, a alameda de Green Gables.

– O que Marilla vai achar disso? – Diana perguntou.

– Ora, ela não vai se importar. A vaca era minha, e não é provável que conseguíssemos, no leilão, mais dinheiro do que o senhor Shearer pagou por ela. Mas... Oh, Diana! Quando o senhor Harrison vir a plantação, ele vai saber que Dolly esteve lá de novo, mesmo eu tendo dado minha palavra de honra de que isso não aconteceria mais! Bem, acabo de aprender uma lição: nunca devo dar minha palavra de honra quando se tratar de vacas. Uma vaca que é capaz de pular ou romper a cerca de nosso curral de ordenha não seria confiável em lugar nenhum do mundo.

Marilla havia descido até a casa da senhora Lynde e, quando voltou, já sabia tudo sobre a venda de Dolly, pois a senhora Lynde tinha visto a maior parte da transação, através de sua janela, e deduzido o restante.

– Suponho que tenha sido melhor mesmo a vaca ir embora, apesar de eu achar que você *realmente* age de uma forma terrivelmente precipitada, Anne! Só não sei como é que ela conseguiu sair do curral; deve ter quebrado algumas das tábuas...

– Oh, não pensei em ir lá para ver isso – Anne reconheceu –, mas vou agora. Martin ainda não voltou. Talvez mais algumas de suas tias tenham morrido. Acho que é algo como o senhor Peter Sloane e os octogenários. Uma noite dessas, a senhora Sloane estava lendo um jornal e disse ao senhor Sloane: “Estou vendo aqui que outro octogenário acabou de morrer. O que é um octogenário, Peter?” E o senhor Sloane disse que não sabia, mas que certamente eram criaturas muito doentes, pois só se ouvia falar delas quando morriam. É assim com as tias de Martin.

– Martin só é como todos os outros franceses – Marilla afirmou, com ar de desprezo. – Não se pode depender deles, nem mesmo por um dia.

Marilla estava examinando as compras que Anne havia feito em Carmody, quando ouviu um grito estridente vindo lá de fora. Um minuto depois, Anne entrou correndo na cozinha, apertando as mãos.

– Anne Shirley, qual é o problema agora?

– Oh, Marilla, o que devo fazer? Isso é horrível! E é tudo culpa minha. Oh, será que *algum dia* vou aprender a parar e refletir um pouco, antes de agir impulsivamente? A senhora Lynde sempre me disse que, mais cedo ou mais tarde, eu ainda ia fazer alguma coisa terrível; e, agora, fiz mesmo!

– Anne, você é a garota mais aflitiva que já vi. Afinal, *o que* foi que você fez?

– Vendi a vaca Jersey do senhor Harrison... aquela que ele comprou do senhor Bell... para o senhor Shearer! Neste exato momento, Dolly está no curral de ordenha.

– Anne Shirley, você está sonhando?

– Como eu queria estar sonhando! Não tem sonho nenhum nisso, apesar de mais parecer um pesadelo. E, a essa altura, a vaca do senhor Harrison já está lá em Charlottetown. Oh, Marilla, achei que eu tinha parado de me envolver em encrencas, e aqui estou, na pior de todas em que já me meti. O que é que eu vou fazer agora?

– Fazer? Não há nada a ser feito, Anne, a não ser ir até lá e conversar com o senhor Harrison. Podemos oferecer nossa vaca Jersey em troca daquela, se ele não quiser ficar com o dinheiro. A nossa é tão boa quanto a dele.

– Mas eu tenho certeza de que ele vai ficar horrível e insuportavelmente furioso... – Anne lamentou.

– Sou capaz de apostar que sim. O senhor Harrison parece ser um tipo de homem que se irrita facilmente. Se você quiser, Anne, vou lá e explico tudo para ele.

– Não, Marilla, de forma nenhuma; não sou tão mesquinha! – Anne exclamou. – É tudo culpa minha, e é lógico que não vou deixar você receber um castigo que é meu. Eu mesma vou lá, e vou agora. Quanto antes isso tiver fim, melhor, pois vai ser terrivelmente humilhante.

Com essas palavras, a pobre Anne pegou seu chapéu e o dinheiro da venda da vaca, e já estava saindo quando, por acaso, olhou pela porta aberta da despensa. Sobre a mesa, estava um lindo bolo de nozes que ela tinha assado naquela manhã... Um bolo especialmente saboroso, coberto com glacê cor-de-rosa e enfeitado com frutas. Ela pretendia servir o bolo na sexta-feira à noite, quando os jovens de Avonlea se reuniriam em Green Gables para organizar a Sociedade para Melhorias. Porém, que valor tinha esse encontro, comparado ao injustamente ofendido senhor Harrison? Então, achando que o bolo poderia amolecer o coração de qualquer homem, sobretudo aquele que tinha de preparar sua própria comida, ela o colocou dentro de uma caixa, para levá-lo de presente ao senhor Harrison como uma espécie de proposta de paz.

“Isto é, se, pelo menos, ele me der uma chance de dizer alguma coisa”, pensou tristemente, enquanto transpunha a cerca da alameda e tomava um atalho pelo campo dourado, à luz daquele encantador entardecer de agosto. “Agora sei como se sentem as pessoas quando estão sendo levadas à execução.”





CAPÍTULO III

*Na casa do
senhor Harrison*

A casa do senhor Harrison possuía uma estrutura antiga; era caiada, e o telhado tinha beirais baixos. Atrás dela, havia um denso bosque de abetos.

O senhor Harrison, em pessoa, estava sentado em sua varanda, à sombra de uma videira, usando uma camisa leve, de mangas curtas, e saboreando seu cachimbo vespertino. Quando se deu conta de quem estava se aproximando, ficou de pé imediatamente, entrou na casa às pressas e fechou a porta. Embora essa atitude tenha sido apenas o resultado desconfortável de sua surpresa, misturada com muita vergonha por sua explosão de raiva no dia anterior, ela quase varreu do coração de Anne o pouco de coragem que lhe restava.

“Se ele está tão furioso agora, como vai ficar quando ouvir o que eu fiz?” – ela pensou, com tristeza, enquanto batia levemente à porta.

Entretanto, o senhor Harrison a atendeu sorrindo, encabulado, e, com um tom razoavelmente suave e amigável, embora um pouco nervoso, a convidou a entrar. Ele tinha vestido um casaco e deixado o cachimbo de lado. Ofereceu a Anne, muito educadamente, uma cadeira

coberta de poeira, e sua recepção teria sido bastante agradável se não fosse pelo bisbilhoteiro papagaio, que estava espiando através das grades da gaiola, com seus olhos dourados e maldosos. Assim que Anne se sentou, Ginger exclamou:

– Bendita seja a minha alma! O que essa coisinha ruiva está fazendo aqui?

Seria difícil distinguir qual rosto ficou mais vermelho: o do senhor Harrison ou o de Anne.

– Não ligue para esse papagaio – disse o homem, lançando um olhar irado para Ginger. – Ele... ele sempre fala disparates. Eu o ganhei de meu irmão, que era marinheiro. Ora, marujos nem sempre usam a linguagem mais apropriada, e, além disso, papagaios são pássaros muito imitadores.

– Foi o que imaginei – afirmou a pobre Anne, cujo ressentimento foi logo reprimido pela lembrança de sua missão ali. Na situação em que se encontrava, ela não podia se indispor com o senhor Harrison; isso era inegável. Quando você acabou de vender precipitadamente a vaca Jersey de um homem, sem seu conhecimento ou consentimento, você não deve se importar se o papagaio dele repete coisas ofensivas. Apesar disso, a “coisinha ruiva” não foi tão dócil quanto talvez tivesse sido, em circunstâncias diferentes.

– Estou aqui para lhe confessar uma coisa, senhor Harrison – Anne falou, decidida. – É... é sobre... aquela vaca Jersey.

– Bendita seja a minha alma! – exclamou o senhor Harrison, nervoso. – Ela invadiu minha plantação de aveia de novo? Bem, não se preocupe... não se preocupe, se foi isso. Não faz a menor diferença... nenhuma mesmo. Eu... eu estava impaciente demais ontem, foi isso. Não se preocupe se a vaca invadiu meu campo de aveia.

– Oh, se ao menos fosse isso! – Anne suspirou. – Mas é dez vezes pior. Eu não...

– Bendita seja a minha alma! Você está querendo dizer que ela invadiu minha lavoura de trigo?

– Não... não... o trigo não. No entanto...

– Então, foram os repolhos?! Ela atacou os repolhos que eu estava cultivando para a exposição, não foi?

– Não tem nada a ver com os repolhos, senhor Harrison. Vou contar tudo para o senhor... Foi para isso que vim até aqui... mas, por favor, não me interrompa: isso me deixa ainda mais tensa. Apenas me deixe contar minha história, e não diga nada até eu terminar – “aí, então, o senhor vai falar horrores”, Anne concluiu, mas só em pensamento.

– Não vou dizer nem mais uma palavra – ele afirmou, e realmente não disse.

Contudo, Ginger não estava preso a nenhum contrato de silêncio, e continuou berrando, com breves intervalos, “Coisinha ruiva!”, até deixar Anne verdadeiramente irada.

– Ontem, prendi minha vaca Jersey em nosso curral. Hoje de manhã, fui a Carmody e, quando voltei, vi uma vaca Jersey no campo de aveia do senhor. Diana e eu conseguimos enxotá-la, e só nós duas sabemos como isso foi difícil. Eu estava terrivelmente molhada, cansada e irritada... Então, o senhor Shearer apareceu, exatamente naquele momento, e se ofereceu para comprar a vaca. Imediatamente, eu a vendi para ele. Sei que isso foi errado. É claro que eu deveria ter esperado e consultado Marilla, mas tenho a péssima mania de agir sem pensar... todo mundo que me conhece vai lhe dizer isso. Então, o senhor Shearer levou a vaca, no mesmo instante, para embarcá-la no trem da tarde.

– Coisinha ruiva! – Ginger repetiu, mais uma vez, com um tom de desprezo profundo.

Nesse ponto, o senhor Harrison se levantou e, com uma expressão no rosto que teria aterrorizado qualquer pássaro, exceto um papagaio, levou a gaiola para um cômodo ao lado e fechou a porta. Ginger gritou, xingou e se comportou de acordo com sua reputação, mas, tendo ficado sozinho, caiu, por fim, em um silêncio sombrio.

– Me desculpe; continue – pediu o senhor Harrison, sentando-se novamente. – Meu irmão... o marinheiro... nunca ensinou boas maneiras a esse pássaro.

– Em seguida, voltei para casa e, depois do chá, fui até o curral de ordenha, senhor Harrison.

Anne se inclinou para a frente, apertando as mãos – seu velho gesto infantil –, enquanto seus grandes olhos cinzentos se dirigiam,

suplicantes, para o rosto perplexo do senhor Harrison. E prosseguiu:

– Encontrei minha vaca ainda presa no curral. Foi a *sua* vaca que vendi ao senhor Shearer.

– Bendita seja a minha alma! – exclamou o senhor Harrison, completamente pasmo com esse desfecho inesperado. – Que coisa *extremamente* extraordinária!

– Oh, não é nada extraordinário eu me meter em encrencas e envolver outras pessoas nelas – Anne falou tristemente. – Sou famosa por isso. O senhor poderia pensar que, a essa altura, eu já estou crescida demais para me comportar assim... Afinal, vou completar 17 anos no próximo mês de março... mas parece que não é o que acontece. Senhor Harrison, é demais esperar que o senhor me perdoe? Receio que já seja tarde para recuperar sua vaca, mas aqui está o dinheiro que recebi por ela... Ou, se preferir, pode ficar com a minha, em troca daquela. É uma vaca muito boa. E é impossível expressar o quanto eu sinto por tudo isso.

– Ora, ora – disse o senhor Harrison, rapidamente –, não diga mais nada sobre isso, senhorita. Não tem importância... não tem *nenhuma* importância. Acidentes acontecem. Às vezes, eu fico muito impaciente, senhorita... impaciente demais. Mas não consigo deixar de falar o que penso, e as pessoas devem me aceitar como sou. Ah, se aquela vaca tivesse invadido meu campo de repolhos... mas, esqueça, ela não fez isso, e, portanto, está tudo bem. Acho que prefiro ficar com sua vaca, em troca da minha, já que quer se livrar dela.

– Oh, obrigada, senhor Harrison! Estou tão contente porque o senhor não está bravo! Tive medo de que ficasse furioso.

– E suponho que, depois daquele meu acesso de raiva de ontem, a senhorita estivesse morrendo de medo de vir aqui me contar o que houve, não é? Porém, não deve se importar comigo; sou um velho terrivelmente franco, que fala o que pensa, só isso... Horrivelmente capaz de dizer a verdade, mesmo que ela seja um pouco dura.

– Assim como a senhora Lynde – Anne falou, antes que pudesse evitar.

– Quem? A senhora Lynde? Não me diga que sou parecido com aquela velha fofqueira – protestou o senhor Harrison, ofendido. – Não, não

sou... não mesmo. O que tem naquela caixa, senhorita?

– Um bolo – Anne respondeu, com um sorriso malicioso. Devido ao grande alívio por causa da inesperada amabilidade do senhor Harrison, seu ânimo melhorou significativamente. – Trouxe para o senhor... achei que talvez não comesse bolo com muita frequência.

– Não como mesmo, isso é verdade, e adoro bolo. Estou muito grato à senhorita. Por fora, parece muito bom; espero que esteja bom por dentro também.

– Está – afirmou Anne, alegremente confiante. – Houve uma época em que fiz bolos que não ficavam bons, como a senhora Allan pode lhe contar, mas este está ótimo. Fiz para a Sociedade para Melhorias, mas posso assar outro para eles.

– Então, vou lhe dizer uma coisa, senhorita: vai ter de me ajudar a comê-lo. Vou esquentá-lo e tomaremos um chá. O que acha?

– O senhor me deixaria fazer o chá? – Anne perguntou, desconfiada. O senhor Harrison deu uma risadinha.

– Estou vendo que não acredita muito em minha habilidade para preparar um chá. Pois está errada... Posso fazer um tão bom quanto o melhor que a senhorita já tomou. Mas pode fazer. Felizmente, choveu no domingo passado, e, portanto, tem muita louça limpa.

Anne saltou rapidamente da cadeira e pôs mãos à obra. Primeiro, lavou o bule em várias águas, antes de colocar o chá em infusão. Depois, limpou o fogão e pôs a mesa, trazendo a louça da despensa. O estado daquela despensa horrorizou a jovem, mas ela, sabiamente, não disse nada. O senhor Harrison lhe disse onde encontraria pão, manteiga e pêssegos em calda. Em seguida, ela enfeitou a mesa, com um buquê de flores do jardim, ignorando as manchas na toalha. Logo, o chá estava pronto e Anne se viu sentada na mesa do vizinho, diante dele, servindo-lhe uma xícara de chá e falando espontaneamente sobre sua escola, seus amigos e seus planos. Ela mal podia acreditar no que estava acontecendo.

O senhor Harrison tinha trazido Ginger de volta, alegando que o pobre pássaro estaria muito solitário; e Anne, acreditando que poderia perdoar tudo e a todos, ofereceu-lhe uma noz. Entretanto, os sentimentos de Ginger tinham sido dolorosamente feridos, e ele rejeitou

qualquer proposta de amizade. Apenas sentou-se, melancólico, em seu poleiro, e agitou as penas até parecer apenas uma bola verde e dourada.

– Por que o senhor chama o papagaio de Ginger? – indagou Anne, que gostava de nomes adequados e achava que Ginger não combinava, de maneira nenhuma, com uma plumagem tão linda.

– Foi meu irmão, o marinheiro, que deu esse nome a ele. Talvez tenha alguma coisa a ver com o temperamento do papagaio. Mas tenho muita estima por Ginger... a senhorita ficaria surpresa, se soubesse o quanto. Ele tem lá seus defeitos, é lógico. E, em geral, tem me trazido problemas. Algumas pessoas reclamam de seu hábito de praguejar, mas é impossível tirar essa mania dele. Eu tentei... outras pessoas tentaram. Muita gente por aqui tem preconceitos contra papagaios. Uma bobagem, não é? Particularmente, eu gosto muito deles. Ginger me faz muita companhia. Eu não me separaria dele por nada... nada neste mundo, senhorita.

O senhor Harrison falou essas últimas palavras explosivamente, como se suspeitasse que Anne pudesse ter algum plano secreto de persuadi-lo a desistir do pássaro. No entanto, ela estava começando a gostar daquele homem pequeno, esquisito, temperamental e inquieto, e, antes que a refeição terminasse, eles já eram bons amigos. Inclusive, o senhor Harrison tomou conhecimento da Sociedade para Melhorias e estava disposto a apoiá-la.

– Isso está certo. Vá em frente, senhorita. Há muitas coisas a serem melhoradas em Avonlea... e em seus habitantes também.

– Oh, não sei não – ela disse, imediata e veementemente. Para si mesma, e para seus amigos próximos, Anne poderia admitir a existência de pequenas imperfeições – facilmente corrigíveis – em Avonlea e em seus habitantes. Contudo, ouvir isso de um forasteiro como o senhor Harrison, era uma coisa totalmente diferente. – Acho Avonlea um lugar adorável, e as pessoas daqui também são encantadoras.

– Vejo que a senhorita tem um temperamento quente – comentou o senhor Harrison, examinando as bochechas enrubescidas e os olhos indignados à sua frente. – Combina com um cabelo como o seu, eu acho. Avonlea é um lugar muito bom, ou eu não teria me mudado para cá; mas suponho que até você admita que existem alguns problemas?!

– Por causa disso, gosto ainda mais daqui – disse a leal Anne. – Não me agradam lugares, nem gente, que não tenham nenhum defeito. Penso que uma pessoa verdadeiramente perfeita deve ser muito desinteressante. A senhora Milton White diz que nunca conheceu uma pessoa perfeita, mas já ouviu falar muito de uma... a primeira esposa de seu marido. O senhor não acha que deve ser muito desagradável ser casada com um homem cuja primeira esposa era perfeita?

– Seria bem mais desagradável ser casado com uma esposa perfeita – o homem declarou, com uma súbita e inexplicável meiguice.

Antes de se despedir, Anne insistiu para lavar a louça, embora o senhor Harrison tivesse garantido que ainda havia coisas limpas que eram o suficiente para semanas. Ela teria adorado varrer o chão também, mas não viu nenhuma vassoura, e não quis perguntar onde encontraria uma, por medo de que simplesmente não houvesse vassouras na casa.

– A senhorita poderia vir até aqui conversar comigo, de vez em quando – o homem sugeriu, quando ela estava indo embora. – Não é longe, e vizinhos devem ser atenciosos uns com os outros. Fiquei com certo interesse nessa sua sociedade. Acho que pode haver diversão nisso. Com quem vocês vão lidar primeiro?

– Não vamos nos envolver com *pessoas*... São apenas os *lugares* que pretendemos melhorar – Anne respondeu, com ar de dignidade, pois chegou a suspeitar de que o senhor Harrison estivesse zombando do projeto.

Depois que ela saiu, o vizinho ficou observando-a pela janela... um corpo jovem, ágil e feminino, saltitando alegremente pelo campo, à luz de um brilhante pôr do sol.

– Sou um velho mal-humorado, rabugento e solitário – ele disse, em voz alta –, mas tem alguma coisa nessa menina que me faz sentir jovem de novo... E é uma sensação tão agradável que eu gostaria que se repetisse, de vez em quando.

– Coisinha ruiva! – Ginger grasnou, com tom de deboche.

O senhor Harrison fez, com a mão, um gesto de ameaça para o papagaio.

– Pássaro malcriado! – resmungou. – Quase chego a desejar ter torcido seu pescoço quando meu irmão, o marinheiro, trouxe você para cá. Será que nunca vai parar de me causar problemas?

Anne correu animadamente para casa e contou suas aventuras a Marilla, que já estava bastante alarmada com sua demora e a ponto de sair para procurá-la.

– Afinal de contas, este mundo é muito bom, não acha, Marilla? – Anne concluiu, satisfeita. – A senhora Lynde estava reclamando, outro dia mesmo, de que não achava o mundo grande coisa. Ela disse que sempre que esperamos ansiosamente por algo agradável, acabamos desapontados... e talvez seja verdade. Mas isso tem um lado bom também: as coisas ruins nem sempre correspondem às nossas expectativas; elas quase sempre são bem melhores do que esperamos. Eu estava achando que teria uma experiência horrivelmente desagradável hoje, quando fui à casa do senhor Harrison, e, em vez disso, ele foi bastante gentil, e eu quase me diverti por lá. Acho que vamos ser bons e verdadeiros amigos, se ambos fizermos concessões um ao outro. Tudo acabou bem. Entretanto, Marilla, sem dúvida nenhuma, eu nunca mais vou vender uma vaca, sem antes ter certeza de quem é o dono. Além disso, não *gosto* de papagaios!



CAPÍTULO IV

*Opiniões
diferentes*

Em um final de tarde, durante o pôr do sol, Jane Andrews, Gilbert Blythe e Anne Shirley conversavam perto de uma cerca, à sombra dos galhos de um abeto que balançava suavemente ao vento, no ponto em que o caminho conhecido como Trilha das Bétulas se juntava à estrada principal. Jane tinha passado a tarde em Green Gables com Anne, que se ofereceu para acompanhar a amiga durante parte do caminho para casa. Ao passarem pela cerca, elas encontraram Gilbert, e os três falaram sobre o fatídico dia seguinte: o primeiro dia de setembro, quando as escolas voltariam a funcionar, após as férias. Jane iria para Newbridge, e Gilbert, para White Sands.

– Vocês dois levam uma vantagem sobre mim – Anne suspirou. – Vão ensinar crianças que não conhecem vocês, enquanto eu tenho de lecionar para alunos da mesma escola que frequentei, e a senhora Lynde receia que eles não me respeitem tanto quanto fariam se eu fosse uma estranha,

a não ser que eu seja muito brava desde o início. Porém, não penso que uma professora deva ser brava. Oh, isso parece uma responsabilidade tão grande!

– Acho que vamos nos sair muito bem – disse Jane, tranquila. Jane não era perturbada por nenhuma aspiração a influenciar as pessoas para o bem. Desejava somente ganhar seu salário de maneira justa, agradar os administradores da escola e ter seu nome no Livro de Honra do inspetor, isto é, no rol de pessoas admiradas e respeitadas por ele. Ambições mais altas ela não tinha nenhuma. – O mais importante de tudo é manter a ordem, e, para isso, um professor tem de ser um pouco severo mesmo. Se meus alunos não me obedecerem, vou puni-los.

– Como?

– Com uma boa chicotada, claro.

– Oh, Jane, você não faria isso! – Anne exclamou, chocada. – Jane, você *não* seria capaz de fazer isso!

– Com certeza, eu seria capaz, e faria, se o aluno merecesse – Jane respondeu, decidida.

– Eu *já* poderia chicotear uma criança – Anne retrucou, com a mesma firmeza. – Não acredito na eficácia desse método, *de jeito nenhum*. A senhorita Stacy nunca nos açoitou, e sempre manteve a ordem. Já o senhor Phillips sempre fazia isso, e, no entanto, nunca conseguiu disciplina. Não, se eu não for capaz de lecionar sem usar um chicote, prefiro não ser professora. Há métodos melhores de lidar com os alunos. Vou tentar conquistar o afeto deles e, assim, todos vão *desejar* me obedecer.

– E se isso não acontecer? – perguntou Jane, sempre muito prática.

– Eu não os açoitaria, em nenhuma circunstância. Tenho certeza de que isso não seria nada benéfico. Oh, não bata em seus alunos, Jane querida, independentemente do que eles fizerem.

– O que você pensa sobre isso, Gilbert? – Jane indagou. – Não acha que existem crianças que realmente precisam de uma chicotada, de vez em quando?

– Você não acha que é uma crueldade, uma barbaridade, açoitar uma criança? *Qualquer* criança? – Anne perguntou, com o rosto enrubescido

por tanta veemência.

– Bem – Gilbert respondeu lentamente, dividido entre suas convicções reais e seu desejo de corresponder aos ideais de Anne –, há o que dizer sobre ambas as opiniões. Não acredito *muito* que bater em crianças seja benéfico. Penso, como você diz, Anne, que, por via de regra, existem métodos melhores, e que a punição corporal deve ser o último recurso. Entretanto, por outro lado, como Jane disse, há uma criança ou outra que não pode ser controlada de nenhum outro modo, e que, em resumo, precisa de uma chibatada, sim, e se tornaria uma pessoa melhor se recebesse uma. Punição corporal como último recurso é a minha regra.

Na tentativa de agradar os dois lados, Gilbert conseguiu, como é de costume e muito certo, não agradar nenhum dos dois. Jane balançou a cabeça e afirmou:

– Vou bater em meus alunos quando fizerem por merecer. É a maneira mais rápida e fácil de convencê-los a se comportar bem.

Anne lançou um olhar decepcionado para Gilbert.

– Nunca vou açoitar uma criança – repetiu firmemente. – Tenho certeza de que isso não é certo, nem necessário.

– Suponha que um garoto responda de forma rude e desrespeitosa quando você lhe disser para fazer alguma coisa... – Jane argumentou.

– Vou mantê-lo na escola, depois das aulas, e conversar com ele de um modo gentil, mas firme – Anne explicou. – Todas as pessoas têm algo de bom, se soubermos encontrar. É um dever do professor detectar e desenvolver essa qualidade no aluno. Foi o que nosso professor de Administração Escolar, na Queen's, nos ensinou, vocês sabem disso. Acham que, chicoteando uma criança, podem encontrar algo de bom nela? Como diz o professor Rennie, é muito mais importante influenciar as crianças a fazerem o bem do que ensiná-las a ler, escrever e fazer operações aritméticas.

– Mas, Anne, preste atenção, são essas três habilidades que o inspetor examina nas crianças, e ele não vai fazer um bom relatório sobre sua prática docente, se seus alunos não alcançarem os padrões esperados – Jane protestou.

– Prefiro que meus alunos me amem, e que, depois de anos, olhem para trás e me vejam como alguém que os ajudou muito, do que constar na lista de pessoas admiradas e respeitadas – Anne afirmou, com determinação.

– Você não castigaria as crianças de jeito nenhum, mesmo se elas se comportassem mal?

– Oh, sim, suponho que tenha de fazer isso, embora eu saiba que vou odiar agir assim. Mas é sempre possível não deixá-las sair para brincar durante o recreio, ou deixá-las de pé no estrado em frente ao quadro, ou, ainda, mandá-las escrever muitas frases.

– Imagino que não vá punir as meninas mandando que se sentem com os meninos... – disse Jane maliciosamente.

Gilbert e Anne trocaram olhares e sorriram, constrangidos. Lembraram-se daquela vez em que, anos antes, Anne havia sido obrigada, como castigo, a se sentar ao lado de Gilbert na sala de aula, e de como as consequências daquilo foram tristes e amargas.

– Bem, o tempo dirá qual é o melhor método – Jane declarou, filosoficamente, quando eles se despediram.

Anne voltou para Green Gables pela Trilha das Bétulas – sombria, com cheiro de samambaia e ruídos de folhas agitadas pelo vento; depois, atravessou o Vale das Violetas, passou pela Lagoa dos Salgueiros, onde a escuridão e a luz se beijavam sob os abetos, e seguiu pela Vereda dos Apaixonados – lugares que, tanto tempo atrás, ela e Diana tinham batizado com esses nomes. Andou devagar, saboreando o aroma doce do bosque e do campo sob o crepúsculo estrelado do verão, e pensando seriamente sobre as novas responsabilidades que assumiria a partir da manhã seguinte. Quando estava bem perto de casa, ouviu a voz alta e decidida da senhora Lynde sair pela janela aberta da cozinha.

“A senhora Lynde veio até aqui para me dar bons conselhos sobre o dia de amanhã”, Anne pensou, enquanto fazia uma careta. “Mas não vou entrar. Os conselhos dela são como as pimentas, eu acho... são excelentes em pequenas quantidades, mas estragam o sabor dos pratos, se usadas em grandes doses. Em vez de entrar, vou dar a volta, rápido, e conversar um pouco com o senhor Harrison.”

Essa não era a primeira vez que Anne ia à casa do senhor Harrison para conversar um pouco. Desde o inusitado episódio da venda da vaca Jersey, ela já tinha ido lá várias tardes, e os dois haviam se tornado muito bons amigos, embora, em certos momentos, ela achasse a franqueza do vizinho, da qual ele tanto se orgulhava, bastante incômoda. Ginger continuava a encará-la com desconfiança e nunca deixava de cumprimentá-la sarcasticamente como “coisinha vermelha”. O senhor Harrison tinha tentado, em vão, acabar com esse hábito do papagaio. Sempre que via Anne se aproximar, o homem pulava, cheio de entusiasmo, e exclamava:

– Bendita seja a minha alma! Lá vem aquela menina linda outra vez! – ou algo igualmente lisonjeiro.

Porém, Ginger nunca se deixou enganar por esse plano, e simplesmente fez questão de desprezá-lo.

Anne jamais saberia quantos elogios o senhor Harrison lhe dedicava, sem seu conhecimento; ele, de fato, nunca a elogiou em sua presença.

– Bem, suponho que a senhorita tenha voltado ao bosque para buscar um suprimento de varas para usar como chicote amanhã... – foi como ele a cumprimentou, enquanto Anne subia os degraus da varanda.

– Não, de maneira nenhuma! – ela respondeu, indignada. Anne era um excelente alvo para provocações, já que levava tudo muito a sério. – Em minha escola, nunca vou ter uma vara para açoitar os alunos, senhor Harrison. Logicamente, vou precisar de uma para apontar o que quero que eles vejam, mas vou usá-la *somente* para direcionar a atenção deles.

– Então, em vez disso, pretende usar uma correia? Bem, não sei... é, acho que está certa. Com uma vara, o efeito é maior na hora, mas, com a correia, ele dura mais tempo... isso é verdade.

– *Nunca* vou usar nada desse tipo. Não vou açoitar meus alunos.

– Bendita seja a minha alma! – exclamou o senhor Harrison, profundamente surpreso. – Sendo assim, como a senhorita planeja manter a ordem na escola?

– Através da afeição, senhor Harrison.

– Isso não vai dar certo – o homem protestou. – Não vai mesmo, Anne. Como diz o ditado, “criança que não é castigada é criança

